

Gravação: cale_se_ep_01_do_ato_institucional_ao_festival_on_vimeo

Duração do Áudio: 00:25:00

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Não identificado
Orador B	Sérgio Ricardo
Orador C	Não identificado
Orador D	Não identificado
Orador E	Não identificado

(00:00:23)
Início da gravação

(Música de abertura)

Orador A: Por [inint][00:00:57] da AI-5 foi um horror não é? Por que você sentiu, presentia que coisa ia... O bicho ia pegar... (Música) (Comunicado rádio - E o

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Presidente da República domina da atribuição que lhe confere no artigo número, do ato institucional número cinco de treze de dezembro de mil e sessenta e oito, resolve baixar o seguinte ato complementar, fica decretado recesso de Congresso Nacional a partir dessa data.)

Orador B: A moral da cultura brasileira foi pro brejo né? Você passou a ser um indivíduo um teleguiado você só faria o que o seu... O seu governo mandasse. (Música)

Orador A: O impacto da AI-5 na música popular e especialmente em toda manifestação do pensamento, foi a mais grave possível, foi um impacto destruidor, foi um impacto assolador e prejudicou como todos sabemos, não apenas a cultura no seu geral, mas a integridade das pessoas (Música)

Orador B: Perdeu-se aquela... Aquela autonomia de poder dizer as coisas principais e mais importantes e o que cada qual pudesse manifestar. (Música - Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não)

Orador C: Já tinha algumas canções que incomodavam a ditadura, eu acredito que essa canção ai, foi uma canção que foi um estigma em relação à ditadura.

Orador B: Teve um militar, um coronel, acho que foi um coronel, que deu uma entrevista, eu não lembro se foi no globo no jornal Brasil, é... dizendo, quer dizer, respondendo a cada verso da música. Assim como se fosse uma declaração de guerra, né? (Risos) Cê vê como, como a ditadura é ridícula né?

(Música)

Orador A: Eu participei de vários jures, nunca sofri interferência, olha se é uma acusação que eu posso fazer assessora ou á os militares, essa eu não faço. (Comunicado- “Um dos primeiro lugar Brasil, deve a esta a Chico Buarque e Tom Jobim”). Ganhou o segundo lugar no festival da canção não é? Mas provavelmente de forma, de certa forma ela foi à vencedora pelo povo mesmo. (Comunicado - “Gente, por favor! Antônio Calos Jobim, Chico Buarque de Holanda merecem o nosso respeito”)

Orador B: Os artista mais visados são esses clássicos não é? Os clássicos que evidentemente são representados dentro de um complexo geral, por Chico Buarque, Aldir Blanc, Vitor Martins, Rita Lee e Taiguara. Mas toda música de protesto, você vê que essa história termina com gloriosamente por Taiguara, Taiguara era o... Passou a ser o cara. (Música)

Orador A: O processo era o seguinte era obrigatório o autor apresentava a sua obra a divisão de Censura Diversões Públicas, qualquer obra literatura, cinema, teatro, música

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

popular e televisão. Então eles vetavam ou não vetavam, quando vetavam o autor interessado poderia recorrer ao órgão superior, Conselho Superior de Censura...

Orador B: Uma vez eu falei á um dos assessores “Escute, a marselhesa não provocou a revolução francesa, a revolução francesa gerou a marselhesa” nunca vi uma música provocar um movimento.

(Música)

Orador D: Chico Buarque chegou uma hora que falou “Não quero mais tudo meu é vetado por que é meu, né” E era verdade mandava lá e o cara falava “Do Chico não adianta nem mandar” Ai o Chico ficou, falou “Cara eu não vou gravar” e pra gente era um prejuízo, a gravadora né? Contava com o disco do Chico todo ano.

Orador A: Não eram apenas residualmente os objetos a música a peça de teatro ou ao filme, mas o próprio autor era censurado. Meu querido amigo Taiguara foi objeto não de músicas específicas, ele apresentou um conjunto de músicas, foram ás músicas censurada por que eram do Taiguara, um compositor declarada e publicamente ligado ao PCB, ao Partido Comunista Brasileiro.

Orador D: Eu tive uma ideia, eu tinha acabado de ouvir uma música do Paulinho da Viola, Sinal Fechado né? Eu digo “Puxa isso daria um título pro [inint][00:11:40] do Chico né?” Sinal Fechado, mas não pode o Chico, ai eu falei “ Puxa eu vou propor ao Chico ele grava um disco todo com música dos outros” ai propus ai Chico ele falou “Poxa cara, mas eu não sou interprete, eu só sou interprete das minhas músicas” “ Poxa Chico você quer melhor ... Esse protesto que você podia fazer sobre toda essa coisa que tá acontecendo com você?” ele falou “ Mas uma eu vou botar, uma minha” “ Mas Chico você não pode botar” “ Não, mas eu ponho com pseudônimo, quem vai saber né” E ele fez Acorda Amor né, que ele botou Julinho do Adelaide né? E mandamos e passou tudo bem né. (Música). Certamente essa música não passava com o nome do Chico. (Música).Tinha também você não gosta de mim, mas sua filha gosta né? Esse passou depois os caras sacaram.

Orador B: Dizem que foi feito pra filha do Gaes e não era foi feito em geral e não era, foi feito em geral por que era jovem gostavam não, adoravam o Chico né.

(Música)

Orador D: Teve hora que começaram a descobrir que Julinho do Adelaide era o Chico, ai eu fui chamado novamente né, ai eu disse “Cara nós não sabemos disso não, você tem certeza?” “Nós sabemos por que o editor” não sei o que né, e nós fizemos que não sabíamos do Julinho do Adelaide né (Risos) mas passou o disco né, quer dizer, ficou mais difícil o próximo também.

(Música)

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador C: Era um momento muito tenso nessa época já em relação a ditadura e que aconteceu também, da gente ser perseguido também pelos CCC, Comando Casa Comunista né...

(Música)

Orador C: Com essa, com esse sucesso do festival da canção em Geraldo Vandré é com a música Pra não dizer que não falei das flores, e ele resolveu botar o show e quando ele chegou em Goiânia, fizemos show em Goiânia e no outro dia fomos pra Anápolis e quando ele tava em Anápolis, ele recebeu o aviso, por que o AI-5 já estava sendo instituído naquela noite, no outro dia já ia explodir no Brasil inteiro, e avisando que Vandré não podia ir mais pra Brasília e nem voltar pra casa, por que a casa dela já tinha sido invadida, já tinha sido... A polícia já tinha entrado na casa dele, o Vandré era um inimigo mortal pra eles, é tanto que o Vandré realmente saiu fugido do Brasil.

(Música)

Orador D: Durante a nossa turnê a gente começou a fazer essa canção, mas é uma ironia muito grande, por que os primeiros versos que Vandré botou não existia o AI-5 ainda e ele botou “Já vou embora, mas sei que vou voltar” isso era simplesmente sonoridade, eu a melodia (Cantarolando) e ele botou esses versos, e ficou esses dois versos ai. Depois de Anápolis o AI-5 foi instituído a gente se afastou um pouco, depois de um mês mais ou menos, recebi um contato que Vandré queria encontrar comigo. Era todo um esquema clandestino então eu tinha que pegar uma condução parar em tal lugar, dali eu tinha que pegar outro ônibus por era tudo assim, dali até chegar no lugar que alguém me pegava me levar pra casa do Vandré. E Vandré tava hospedado na casa da mulher de Guimarães Rosa, então a música que já tinha começado com “Já vou embora” realmente foi uma música de despedida, já passou a ter uma conotação otológica na medida que Vandré começou inserir na canção a situação dele.

(Música)

Orador B: Ele acabou sendo uma vítima daquilo não é? Eu escrevi uma vez no Pasquim um artigo acusando a ditadura de ter assassinado o Vandré.

Orador D: Mas eu acho que na verdade ela foi... Foi o centro que com um pouco mais de visão, e alcançou exatamente a atitude que deveria ser tomada pelo cidadão que estava enfronhado nesse tipo de luta.

Orador E: Toda aquela música que se sente através dela uma obrigatoriedade industrial, um aproveitamento industrial, essa música pra mim é vigarista, e toda aquela que transpira uma preocupação cultural, vontade de transformar o estado Nacional essa música é mais autentica e mais valida no final.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador B: A partir daquela censura, a partir do AI-5, na verdade o meu trabalho foi de um agrado. (Música). Calabouço é a história do Edson Luiz né, que foi assassinado no calabouço da Uni, né.

Orador D: [inint][00:21:55] era um militante da esquerda, era um militante da oposição não escondia isso e se possível ele mostrava isso nas músicas dele.

Orador C: Gil da Graça era muito engraçado ai essa música era exatamente aquele negócio de tapar o sol com a peneira pra os censores não entenderem, infelizmente eles sacaram do um dois ou três versos ali, tô escrevendo do três estrofes que proibiram de ser cantados no festival. Então arditosamente nós da produção do festival e tal, distribuimos a letra pra plateia e ao interpretar a música parava na hora que era proibida a letra e eu fazia o silencio, mas quem cantava era o público, então ninguém podia prender o público inteiro.
(Música)

Orador B: Por mais que eu fizesse esforço pra poder estar na presença das pessoas e tal, eu era interrompido pela proibição nem televisão nem radio nem coisa nenhuma, tocava mais as minhas músicas, o que na verdade permaneceu como uma espécie de uma maldição do meu trabalho durante todo esse tempo, inclusive passou a ditadura e continuou essa maldição, não toca Sergio Ricardo no rádio.

Orador A: A partir de setenta e três é claro que piorou intensamente.
(Música)

(00:24:49)
Fim da gravação

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89